

Bibliotecas Escolares e web 2.0: revisão da literatura sobre Brasil e Portugal

Cassia Cordeiro Furtado

RESUMO

O artigo enfoca o papel da educação e da biblioteca na Sociedade da Informação e apresenta conceitos e características da Biblioteca 2.0 (L2). Defende o uso da web 2.0, na biblioteca escolar, visando otimizar ou criar serviços e produtos, para fins de conquista dos usuários, visibilidade e espaço na escola e na sociedade. Identifica nos programas públicos de incentivo e implantação de bibliotecas nas escolas, no Brasil e em Portugal, a presença ou recomendações para o uso da web 2.0. Com base na literatura conclui que, em Portugal, já ocorre a iniciativa do uso dos blogs por parte da biblioteca escolar, porém com escassez de comentários por parte do usuário. E que as bibliotecas brasileiras têm um longo caminho a percorrer no que tange as bibliotecas escolares, como também no contexto dos sistemas de informação.

PALAVRAS-CHAVE: Biblioteca escolar. Web 2.0. Biblioteca 2.0. Brasil. Portugal.

1 Introdução

Desde a primeira definição de sociedade da informação, cunhada por Tadao Umesamo, em 1963, no Japão (KANCZAK; SZOLTYSIK, 2006, tradução nossa), que a Humanidade passa por transformações que afetam todos de forma radical. O avanço tecnológico, em especial nas áreas de telecomunicações e da informática, é um dos fenômenos que marca a sociedade atual e sendo esse fenômeno cumulativo e irreversível, a cada dia a humanidade se depara com mais uma “novidade”.

A *web 2.0* surge trazendo uma mudança na concepção do utilizador da informação. Agora, além de utilizador, ele é também autor, editor, organizador e classificador da informação. Nesse sentido, novos paradigmas surgem nas áreas do conhecimento, notadamente na Ciência da Informação e na Biblioteconomia. Dentre eles, encontra-se a Biblioteca 2.0, que representa uma mudança na relação usuário, informação e biblioteca.

Nesse contexto, as bibliotecas estão a utilizar as tecnologias de comunicação e informação no oferecimento de serviços e produtos e, especialmente, numa relação de interação com o usuário. Contudo, em se tratando das bibliotecas escolares, verifica-se que há uma lacuna e que essa plataforma não está a ser potenciada devidamente.

O presente artigo destaca o papel da educação e da biblioteca na Sociedade da Informação, faz um recorte na literatura sobre o termo Biblioteca 2.0 (*Library 2.0*) -- L2 e as contribuições das ferramentas da web social para o papel educativo das bibliotecas nas escolas da educação básica. E finaliza abordando os programas públicos de incentivo as bibliotecas que trabalham com a comunidade escolar, no Brasil e em Portugal.

2 Sociedade da Informação, Educação e Bibliotecas

Com a presença constante das tecnologias de informação nos mais variados ambientes, o homem passa a contar com uma diversidade de espaços educacionais e a educação passa a ter sua abordagem ampliada, ultrapassando os seus limites tradicionais, visando à formação integral do indivíduo.

A escola deixa de ser o único espaço de educação, passando a considerar relevante a variedade e a quantidade de informações recebidas pelas crianças, advindas das mídias, mesmo antes delas chegarem ao ambiente escolar, e que continuarão a adquiri-las, durante toda a vida.

Ensinar não é mais transmitir conhecimentos. O professor perde o monopólio do saber, pois não detém mais todas as informações e o aluno deixa sua posição passiva de aprendiz, onde somente acumulava informações, na maioria das situações sem compreensão e contextualização com a realidade. Ele passa a ter o papel de consultor da aprendizagem, no sentido de abrir caminhos ao conhecimento, visando preparar o educando para o confronto com novos problemas, exercitar a ousadia da curiosidade e incentivar o espírito criativo e crítico das crianças e jovens (TEDESCO, 2006).

O novo modelo de educação substitui a aprendizagem uniforme e homogênea pela aprendizagem centrada na individualidade de cada estudante, em um contexto coletivo e cooperativo, onde educadores e educandos constroem o conhecimento e o processo de aprendizagem ocorre a partir de fontes distintas e de formas diversificadas.

Assim, com as mudanças na sociedade em decorrência dos avanços tecnológicos que ocorreram nos últimos anos, nomeadamente nas instituições educacionais, a escola e a biblioteca trabalham em um novo cenário e passam a enfrentar novos problemas e responsabilidades.

O desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação teve como uma das conseqüências a explosão da informação, caracterizada pelo aumento da quantidade, diversidade e possibilidade de sua reprodução sem limites. Assim, a biblioteca precisa encarar o desafio de abandonar o paradigma patrimonial e custodial, para se tornar numa rede multimídia de informação ou, como sugere Serra e De Luca Pretto (2009), um centro de referência digital.

Kuhlthau (1999, p.11) alerta para o papel do bibliotecário em uma escola da sociedade da informação. Segundo a autora, ele não deve se resumir “[...] apenas em fornecer grande quantidade de recursos informacionais, mas também, colaborar com os professores como facilitadores e treinadores no processo de aprendizagem baseado em tais recursos”.

Cabe à biblioteca escolar ser o portal de ligação da escola com o mundo permeado de tecnologia, pois, ainda segundo Brougère (2001)¹ “[...] há uma enorme distância - quem sabe uma oposição - que não se pode subestimar, entre a cultura infantil contemporânea e a escola.”

Com tantas mudanças atingindo as instituições, é indispensável que os profissionais que atuam nas bibliotecas percebam a necessidade de rever seus produtos e serviços e sua relação com o usuário da informação, a fim de que elas não sucumbam diante das tecnologias de informação e comunicação e se tornem obsoletas. Bibliotecários devem ver

■
¹ Documento eletrônico.

os novos desafios como uma oportunidade de modernização da imagem e do papel da biblioteca, de criação e dinamização de uma nova geração serviços e produtos, a fim de conquistar crianças e jovens, ter visibilidade e espaço na escola e na Sociedade da Informação.

3 Web 2.0 + Biblioteca = Biblioteca 2.0

A biblioteca deve recorrer às tecnologias, em especial da Internet, para extrapolar as barreiras de espaço e tempo e ampliar o acesso à informação, como caminho para a produção de conhecimento e ampliação de suas oportunidades.

A relação biblioteca e usuário sempre despertou interesse para os profissionais da área, porém nos últimos anos esteve mais presente nas discussões, depois que o termo *Library 2.0* (L2) surgiu, em 2005, no *Blog LibraryCrunch*², de Michel Casey. Segundo o mesmo, representa uma inovação nos serviços tradicionais, estáticos e assíncronos da biblioteca, com a aplicação dos princípios e ferramentas da *web 2.0* (CASEY, 2009, tradução nossa).

■
² <http://librarycrunch.com/>

O termo *web 2.0* foi cunhado, em 2004, por Tim O'Reilly, que o define como uma plataforma, um serviço continuamente renovado e atualizado, que fica melhor quanto mais pessoas o utilizam, consomam e fazem *remix* dos dados de variadas fontes. E que incluam também suas próprias informações, a fim de que sejam compartilhados com os outros usuários, criando uma "arquitetura de participação", que vai além do contexto da Web 1.0 (O'REILLY, 2005, tradução nossa)³.

■
³ Documento eletrônico.

Dessa forma, presencia-se uma nova concepção da Internet e mudança no papel do utilizador. Davis (2005, tradução nossa) enaltece ainda mais o usuário ao declarar que "web 2.0 é uma atitude e não tecnologia". Ou seja, o relevante é permitir, incentivar e aproveitar a participação de todos, pois na medida em que usam o produto contribuem para melhorar a qualidade do mesmo.

Merlo Veja (2007, tradução nossa) também classifica a relação das bibliotecas com as tecnologias como questão de atitude, podendo ser expressa de três formas diferentes: bibliotecas passivas, as que empregam as tecnologias e seus recursos para o trabalho interno, sem reverter em produtos e serviços para o usuário, ou seja, têm uma atitude individualista perante a tecnologia; as bibliotecas ativas, que fazem uso dinâmico da tecnologia como recurso e para prestação de serviços, porém de forma unidirecional para o usuário, tendo uma atitude profissional; e, por último, a biblioteca interativa, que usa a tecnologia como meio para se relacionar com usuário, a partir

de uma relação aberta e igualitária, numa atitude participativa.

Com relação à história das bibliotecas, a L2 é um termo muito novo, razão por que tem merecido estudo por parte de pesquisadores da área, em especial para estabelecer conceitos e serviços a serem oferecidos.

■
4 Documento eletrônico.

Destaca-se Miller (2005, tradução nossa)⁴, que faz uso de fórmula matemática, interessante e objetiva, para definir a L2: “*web 2.0* + biblioteca = biblioteca 2.0”. As características de uma L2 passam por quatro elementos essenciais, que, segundo Maness (2006, tradução nossa), são: “[...] centrada no utilizador, proporciona uma experiência multimídia; socialmente rica e é inovadora.”

Percebe-se que o ponto central da L2 é o utilizador, mas, com base em serviços como estudo do usuário e da comunidade, a biblioteca sempre procurou ouvir e atender as necessidades informacionais dos mesmos. Considera-se que, até então, a biblioteca somente trabalhava num sentido unilateral; ou seja, da biblioteca para o usuário. O que se aponta como original é que agora o usuário é chamado a participar e não só receber. O papel informacional da biblioteca, nesse contexto, não se reduz unicamente em disponibilizar as informações do seu acervo patrimonial, mas sim, permitir que todos participem na construção dos conteúdos que todos irão usar. O utilizador da L2 é visível.

Michael Casey e Laura Savastinuk (2007, tradução nossa) dão muita ênfase a qualquer serviço, físico ou virtual, que atinja os usuários com sucesso, faça uso da contribuição do mesmo e seja avaliado freqüentemente, ainda que o serviço seja antigo, pode ser L2. Do mesmo modo, ser novo não é sinônimo de L2.

Por ocasião do planejamento para implantação de serviços na concepção de *web 2.0*, os gestores devem ficar atentos às perguntas clássicas da etapa: por que, o que, quem, como e quando (MARGAIXARNAL, 2007, tradução nossa). Murley (2007, tradução nossa) acrescenta que o planejamento da L2 deve ser resultado de avaliação de serviços, à luz da missão da mesma e das necessidades dos usuários.

Assim sendo, mais uma vez, é dada ênfase ao elo das bibliotecas com a educação e, nesse sentido, coaduna-se com Gómez Hernandez (2008, tradução nossa), ao considerar que o uso das ferramentas participativas da *web social* maximiza a missão educativa da biblioteca e dos bibliotecários, no que se refere ao estímulo à leitura, escrita e investigação.

Acredita-se que a biblioteca escolar, com o uso da *web social*, pode preencher uma lacuna existente no espaço educacional, conciliar acervo bibliográfico e livros digitalizados,

e assim possibilitar a interação entre texto impresso e digital.

Acrescenta-se que a L2 pode contribuir consideravelmente para aproximar estudantes do mundo da leitura, uma vez que amplia as formas de interação com texto literário infantil, tornando-o bastante atraente para crianças e jovens.

Rodriguez Palchevich (2008, tradução nossa)⁵ apresenta mais alguns argumentos para o uso das ferramentas da web 2.0, como complemento e incremento os serviços das bibliotecas escolares:

- a) A principal missão da biblioteca escolar é atender a comunidade da escola e servir o projeto de currículo institucional e nível de país;
- b) O digital e on-line, já é aceito e usado pela maioria dos usuários de bibliotecas escolares;
- c) Para acessar e incorporar algumas dessas tecnologias sociais disponíveis na web, não é preciso mais do que uma conexão de Internet e um de computador;
- d) As ferramentas 2.0 são intuitivas, livremente acessíveis e na maior parte livre;
- e) Otimizar os recursos e serviços existentes, aumentar o acervo e ampliar a comunidade de usuários é dar maior visibilidade para a biblioteca, entre outras coisas.

Com o uso das ferramentas sociais, a biblioteca da escola se aproximará do cotidiano dos seus utilizadores, pois, não se pode negar a ubiquidade do computador e da Internet na vida das pessoas, em especial das crianças e jovens. Tapscot chama de “geração net”, a geração que nasceu e vive num contato habitual e intenso com a tecnologia. Assim diz o referido autor:

[...] crianças têm mais saber e conhecimento, são mais letradas e sentem-se mais confortáveis do que os seus pais [e educadores] em relação a uma inovação central da nossa sociedade [...] Se há uma coisa que os miúdos percebem (e os adultos não entendem) é que a Net não é ‘tecnologia’, é um novo meio de interação entre pessoas. (TAPSCOTT, 1998)⁶.

Ainda com relação à tecnologia, Casey e Savastinuk (2006, tradução nossa) alertam que, embora não seja exigida a mesma ajuda para implantar uma L2, isso não significa que as bibliotecas não precisem de grandes recursos, para implantar os serviços. Isso não se torna obstáculo para implantação por parte das bibliotecas escolares que, de maneira geral, sempre apresentam escassez de infra-estrutura tecnológica e recursos financeiros. Em especial no caso das bibliotecas brasileiras, que se deparam com permanente limitação de orçamento, infra-estrutura e recursos.

Dentre os entraves apontados para o funcionamento de

■
⁵ Documento eletrônico.

■
⁶ Documento eletrônico.

uma L2, Gómez Hernandez (2008, tradução nossa) aponta que grande parte dos profissionais que atuam nas bibliotecas é imigrante digital e assim apresenta certas limitações para acompanhar o desenfreado avanço das inovações tecnológicas. Todavia, considera-se que, diante da incursão da tecnologia nas atividades profissionais, a formação inicial dos bibliotecários e dos professores deve ser repensada, bem como devem ser oferecidas oportunidades de formação permanente, visando suprir a deficiência apontada pelo autor.

Já a apreensão de Margaix Arnal (2007, tradução nossa) relaciona-se aos usuários, uma vez que a presença de um usuário participativo é um elemento chave do processo. Concorda-se com essa preocupação, mas acredita-se que uma campanha de sensibilização e o oferecimento de serviços e temas de interesse podem ser estratégias para a conquista de velhos e novos utilizadores.

Como forma para aproximação do utilizador e caminho para a L2, as bibliotecas devem recorrer ao uso dos blogs, ação sugerida por autores como Casey e Savastinuk (2006), Maness (2006) e Cam (2007). Entretanto, chama-se atenção que a L2 não se resume à existência de diário virtual para divulgação de informações e notícias. Sem dúvida, ela se constitui num híbrido de *social media*, enfim é uma biblioteca interativa para o século XXI (MANESS, 2006).

4 Políticas Públicas de Incentivo as Bibliotecas Escolares – Brasil e Portugal

Dentre as mudanças ocorridas nas instituições educacionais, acredita-se que a biblioteca é uma das que mais sofreu alterações em termos conceituais, uma vez que, de depósito de livros, transformou-se num centro de ensino e aprendizagem, porém ainda apresentava seu espaço de atuação limitado. A biblioteca escolar por muito tempo foi vista como uma instituição a serviço do sistema escolar, e o seu acervo, voltado para práticas educacionais adotadas pela escola, na maioria das vezes se restringia a livros didáticos.

No contexto da Sociedade da Informação, autores como Calixto (2006), Kuhlthau (2002) e Campelo (2005) enfatizam que a biblioteca da escola deve funcionar como o núcleo do sistema, devendo ser um centro dinâmico e participativo, proporcionando acesso e intervenções à rede de informações, contribuindo para o desenvolvimento integral da comunidade escolar.

Para tanto, as bibliotecas escolares devem ter políticas públicas específicas para implantação e manutenção das mesmas,

com infra-estrutura adequada e moderna, visando o incentivo a leitura, estudo e pesquisa. Assim, terá participação efetiva na aprendizagem formal e informal da comunidade escolar e, também, será o centro de recreação e lazer lúdico da mesma.

Com relação às políticas públicas do Brasil, o Ministério da Educação (MEC) possui o *Programa Nacional Biblioteca da Escola* (PNBE), criado em 1997, com o objetivo de proporcionar acesso à cultura e à informação e o incentivo à formação do hábito da leitura nos alunos e nos professores. Nesse sentido, distribui acervos de obras de literatura (poemas, contos, crônicas, teatro, texto de tradição popular, romance, memória, diário, biografia, ensaio, histórias em quadrinhos e obras clássicas), de pesquisa e de referência para escolas da educação básica (BRASIL. Ministério da Educação, 2008).

Durante o ano de 2008, segundo dados do MEC, foram distribuídos 3.216 mil livros, beneficiando 127.661 escolas do ensino fundamental. Para o ano de 2009, foi previsto que os acervos serão distribuídos para 49.327 escolas. Considerando os dados, percebe-se uma queda de investimento no Programa, porém no portal do MEC não se encontra explicação ou justificativa para tal, como também se observa uma lacuna com relação à avaliação do mesmo (BRASIL. Ministério da Educação, 2008).

O Ministério da Cultura (MinC) também trabalha com projetos e ações visando incentivar as bibliotecas, o livro, a leitura e a literatura, a exemplo do *Plano Nacional do Livro e Leitura* (PNLL). Do mesmo modo, o *Programa Mais Cultura*, tem como finalidade “[...] fazer das bibliotecas de todo o país, bibliotecas vivas, que tenham não só a riqueza que os livros oferecem, mas também, a leitura em outros suportes, como o audiovisual e a cultura digital.” (BRASIL. Ministério da Cultura, 2008b)⁷.

Outra ação de estímulo às bibliotecas que atuam no setor estudantil é a modernização de bibliotecas públicas municipais, com a distribuição de livros e mobiliários, além de telecentro digital com acesso à Internet. Segundo planejamento do MinC, o Governo Federal Brasileiro deve zerar o número de municípios sem bibliotecas durante o ano de 2009. Em pesquisa no portal do MinC, observa-se a ausência de dados estatísticos e, mais uma vez, de avaliação dos programas (BRASIL. Ministério da Cultura, 2008a).

No contexto de Portugal encontra-se o *Programa Rede de Bibliotecas Escolares* (RBE), coordenado pelo Gabinete de Rede de Bibliotecas Escolares do Ministério da Educação, em conjunto com as Direções Regionais de Educação, Bibliotecas

■
⁷ Documento eletrônico.

Públicas Municipais e instituições ligadas à área. Lançado em 1996, tem com objetivo instalar e desenvolver bibliotecas em escolas públicas de todos os níveis de ensino, oferecendo recursos necessários à leitura, ao acesso, utilização e produção da informação em diferentes suportes e, ainda, desempenhar papel central no suporte a aprendizagem e no desenvolvimento de competências de informação e na formação de leitores.

As bibliotecas escolares, ligadas a RBE, se constituem em uma estrutura transversal à escola e ao currículo, tendo como princípios:

- Desenvolvimento das bibliotecas escolares numa perspectiva de escola/agrupamento, prevendo a articulação e o trabalho em rede;
- Gestão da biblioteca por um coordenador com perfil adequado, apoiado por uma equipe;
- Espaço adaptado à existência de diversas funcionalidades e serviços;
- Atendimento, destinado ao acolhimento, informação e serviço de empréstimo;
- Leitura informal, para leitura de jornais, revistas, álbuns...
- Consulta e produção de documentação, onde se disponibiliza o fundo documental da biblioteca permitindo a utilização integrada dos diferentes suportes – impresso, áudio, vídeo e multimídia – e o acesso à Internet;
- Fundo documental atualizado e ajustado às necessidades de alunos e professores, incluindo obras de apoio ao currículo, coleções de literatura, particularmente infantil e juvenil, jornais e revistas, DVD's, CD's áudio e CD-ROM's educativos, informativos e lúdicos e uma seleção de sites Internet;
- Disponibilização dos documentos em regime de livre acesso e tratamento normalizado que permita a partilha entre bibliotecas;
- Desenvolvimento de um catálogo coletivo;
- Dotação orçamental para a realização das atividades, a renovação do fundo documental e a manutenção dos equipamentos (PORTUGAL. Ministério da Educação, 2009)⁸.

■
⁸ Documento eletrônico.

Ainda segundo a RBE, as bibliotecas têm como funções o desenvolvimento de competência informacional, formação de leitores e promoção do hábito de leitura, para isso usa as seguintes estratégias:

- Organizar atividades de formação de utilizadores divulgando as formas como está organizada a BE e como podem ser explorados os diferentes recursos e serviços;
- Orientar os alunos nas tarefas de pesquisa e elaboração de trabalhos escolares;
- Difundir as atividades a desenvolver e a coleção da biblioteca, através de diversos instrumentos: catálogo, listas de novidades, bibliografias temáticas, boletins informativos, sites, blogs, etc.
- Responder às necessidades de informação dos professores;
- Motivar os professores para levarem os alunos a utilizar a biblioteca, sugerindo-lhes leituras ou consultas oportunas;
- Colaborar com os docentes de modo a integrar a utilização dos recursos e o treino de competências de informação nas práticas letivas;
- Disponibilizar recursos inovadores de produção e divulgação de conteúdos didáticos e informativos on-line, avaliação e seleção de sites, listagem de apontadores, construção de bibliotecas digitais, acesso a catálogos de bibliotecas e a diretórios organizados, elaboração de guias de utilização de motores de busca, criação de serviços cooperativos de referência, dinamização de fóruns temáticos, contributos para a plataforma de e-learning da escola/agrupamento, etc.
- Potenciar os novos recursos interativos de informação e comunicação que caracterizam a WEB 2.0, para produzir, difundir e partilhar informação e conhecimentos, implicando professores e alunos num trabalho conjunto com a BE: construção de portfólios, apresentações multimídias, webquests, webquizes, wikis, blogs, podcasts, etc.
- Produzir materiais didáticos e de apoio ao estudo, guiões de pesquisa e auxiliares para a produção de trabalhos, que possam ser utilizados na biblioteca individualmente ou por pequenos grupos de alunos;
- Organizar e disponibilizar para a sala de aula kits de documentos em suportes diversificados que apoiem o ensino de diferentes unidades temáticas;
- Participar na formação de docentes para a aquisição e aprofundamento de novas técnicas e competências de leitura e de informação (PORTUGAL. Ministério da Educação, 2009)⁹.

■
⁹ Documento eletrónico.

Em junho de 2009, a RBE realizou o *Fórum RBE: 13 anos a construir saberes*, onde foi apresentado resultado de um estudo de avaliação do programa. De acordo com os dados, no final de 2008, cerca de 70% da população escolar já podia contar com serviço de biblioteca escolar, através da existência de uma biblioteca na própria escola ou usufruindo do serviço de biblioteca de outra escola circunvizinha, considerando a existência de mais de duas mil bibliotecas escolares no país.

Interessante destacar que, com relação às tecnologias, 93% das bibliotecas indicam ter computadores com ligação à Internet, apesar do relatório ter como conclusão a necessidade de exploração educativa mais intensa da internet, da aquisição/subscrição de software educativo ou outros recursos digitais (como dicionários e enciclopédias *online*), e também da assinatura de periódicos.

No item de recomendações para futuras ações encontram-se

[...] incentivo às bibliotecas escolares a constituírem-se, plataformas de articulação, no processo educativo, entre a leitura, as aprendizagens curriculares, as TIC e a literacia da informação, e a constituírem-se, do mesmo passo, em plataformas de articulação, no quotidiano dos alunos, entre as leituras/escritas escolares e as leituras/escritas relacionais das gerações juvenis contemporâneas, as quais se estão a desenvolver de maneira intimamente integrada com as novas tecnologias de informação e comunicação. (PORTUGAL. Ministério da Educação, 2009)¹⁰.

■
¹⁰ Documento eletrônico.

Nos projetos arrolados, constata-se a iniciativa de fazer elo entre a biblioteca escolar e a cultura digital. Considera-se que o Programa RBE, de Portugal incentiva essa relação e a cultura participativa, pois indica o uso da web 2.0 como estratégia para produção e partilha de informação e para interação em trabalho conjunto; biblioteca, professores e estudantes. Todavia, o relatório de avaliação recomenda maior otimização desse recurso.

Ainda no âmbito das bibliotecas de Portugal, Príncipe (2007), desenvolveu projeto de investigação sobre uma das ferramentas mais usadas como iniciação a web 2.0; os blogs. Com relação às bibliotecas escolares, o autor marca seu surgimento no segundo semestre de 2006, maior relevo as atividades desenvolvidas pela biblioteca e como tema central o livro e a leitura. A pesquisa conclui que:

[...] começam já a serem abundantes os blogues de bibliotecas escolares [...] muitos funcionam como meio de divulgar actividades, outros como se de páginas web institucionais se tratassem. É visível a escassez de comentários [...], não se entra suficientemente em debate a partir dos posts, desvalorizando assim os blogues como fórum de debate. (PRÍNCIPE, 2007)¹¹.

■
¹¹ Documento eletrônico.

No Brasil, o *Programa Mais Cultura* incentiva a leitura

em suportes digitais, mas alguns trabalhos apontam um longo caminho a percorrer no contexto dos sistemas de informação e a cultura digital. Fato comprovado pelo relatório de pesquisa apresentado durante o último Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), que apontou que “[...] os resultados apresentados neste estudo indicam que ainda há uma distância entre o modelo conceitual da Web 2.0 e a sua usabilidade entre os sítios das bibliotecas universitárias federais” (VIEIRA et al, 2008)¹². A pesquisa teve como amostra 18 universidades nas várias regiões do país, incluindo universidades de destaque como USP, UFRJ, UFMG, UFRGS e UFBA.

No caso de bibliotecas públicas, Blattmann e Rados (2009) realizaram pesquisa sobre os serviços que elas disponibilizam nas páginas de hipertexto na web e detectaram a iniciativa de uso das ferramentas sociais para interação com o usuário, haja vista que estão começando a incorporar serviços como; acesso aos catálogos, comunicação e divulgação. Percebe-se ainda a criação de comunidades de “amigos da biblioteca” na rede social *Orkut*¹³. O *Orkut* é um *software social* de grande popularidade entre os internautas brasileiros. Proporciona duas formas de interação mediada por computador: interação mútua que pode ser observada nos posts das comunidades, onde cada um pode escrever o que deseja e receber manifestações em retorno; bem como nos *scrapbooks* dos perfis, onde é possível deixar e receber recados para os amigos. Porém, apresenta como desvantagem só permitir o acesso de pessoas previamente cadastradas como “amigos” no perfil.

Com relação às bibliotecas escolares brasileiras, percebe-se carência na literatura sobre estudos e pesquisas científicas, em especial sobre o uso da web 2.0. Campello et al (2007) concluíram, como produto de investigação, que a produção de teses e dissertações sobre biblioteca escolar é pouco significativa, já que o tema tem presença irrelevante nas linhas de pós-graduação. Ratifica-se assim, a fragilidade da produção científica brasileira na área da biblioteca escolar, o que pode acarretar o descompasso das mesmas em relação aos avanços da Sociedade da Informação.

5 Conclusão

Ao analisar a realidade da biblioteca escolar brasileira, e possivelmente na maioria dos países da Lusofonia, verifica-se ainda a pouca visibilidade da mesma, desempenhando um pequeno papel dentro da comunidade escolar da educação básica. A biblioteca não está explorando com eficiência o papel

¹² Documento eletrônico.

¹³ <http://www.orkut.com>

educacional que lhe cabe na Sociedade da Informação, sobretudo por não trabalhar no contexto múltiplo e diversificado das tecnologias de comunicação e informação. Tais recursos devem ser usados com objetivo de ultrapassar o estágio básico, que a mesma se encontra, considerando que, na maioria dos casos, só faz uso da tecnologia e da informática para o tratamento, organização e recuperação dos seus acervos bibliográficos.

O contato das crianças com os computadores de forma lúdica e atrativa, colabora para o aprendizado das ferramentas da informática e conduz à inclusão digital com finalidade educativa. Sobretudo no Brasil, onde o computador ainda não está ao alcance de todos, principalmente das famílias de baixa renda e das crianças que estudam na escola pública. Considera-se que, a biblioteca escolar deve corroborar para aproximar os alunos dos recursos tecnológicos, como apoio a aprendizagem, formal e informal, pois segundo Bindé (2007, p.110) “[...] elas [bibliotecas] terão um papel importante na redução da divisão digital”.

Com relação ao uso das ferramentas participativas da *web 2.0*, Margaix Arnal (2007, tradução nossa) apresenta alguns projetos, apontados como bem sucedidos pela literatura científica, envolvendo a L2, cujas experiências se restringem à área de bibliotecas acadêmicas. Mas nenhuma dessas se situa no âmbito de Brasil ou Portugal, e muito menos no contexto das bibliotecas escolares.

Por fim, espera-se que os responsáveis pelas políticas educacionais e profissionais da Biblioteconomia e da Educação alertem para a necessidade de suscitar o debate sobre o papel da *web 2.0* no espaço escolar e, especialmente, a sua contribuição para o fomento ao conhecimento e ampliação das fronteiras informacionais, sociais, culturais e educacionais. E, ainda que, como acentua Kuhlthau (1999, p.14), “[...] os bibliotecários escolares podem liderar o processo, dando este salto para a sociedade da informação”.

School Libraries and Web 2.0: review of the literature on Brazil and Portugal

ABSTRACT

The article focuses on the role of education and library in the Information Society and introduces concepts and features of the Library 2.0 (L2). Advocates the use of Web 2.0 in the school library to optimize or develop services and products for the purpose of gaining new users, visibility and space in school and in society. Seeks to identify in publicly funded programs and implementation of libraries in schools in Brazil and Portugal, the presence or recommendations for the use of Web 2.0. Based on published reports that, in Portugal, as the initiative is the use of blogs by the school library, however a lack of comments by the User, and

that the Brazilian libraries have a long way to go in terms of libraries schools but also in the context of information systems.

KEYWORDS: School libraries. Web 2.0. Library 2.0. Brasil. Portugal.

Bibliotecas escolares y la Web 2.0: revisión de la literatura en Brasil y Portugal

RESUMEN

El artículo se centra en el papel de la educación y la biblioteca en la Sociedad de la Información e introduce los conceptos y las características de la Biblioteca 2.0 (L2). Aboga por el uso de la Web 2.0 en la biblioteca de la escuela para optimizar o desarrollar servicios y productos para el propósito de ganar nuevos usuarios, la visibilidad y el espacio en la escuela y en la sociedad. Trata de identificar en los programas financiados con fondos públicos y la aplicación de las bibliotecas en las escuelas de Brasil y Portugal, la presencia o recomendaciones para el uso de la Web 2.0. Sobre la base de los informes publicados que, en Portugal, ya que la iniciativa es el uso de blogs por la biblioteca de la escuela, sin embargo la falta de comentarios por parte del usuario, y que las bibliotecas brasileñas tienen un largo camino por recorrer en materia de bibliotecas escuelas, sino también en el contexto de los sistemas de información.

PALABRAS CLAVE: Biblioteca escolar. Web 2.0. Library 2.0. Brasil. Portugal.

Referências

BINDÉ, J. **Rumo às sociedades do conhecimento:** relatório mundial da UNESCO. Lisboa: Instituto Piaget, 2007.

BLATTMANN, U.; RADOS, G. **Bibliotecas públicas na Internet:** serviços e possibilidades. Disponível em: <http://www.geocities.com/ublattmann/papers/publica_net.html>. Acesso em: 20 jan. 2009.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Plano Nacional do Livro e Leitura.** 2008a. Disponível em: <<http://mais.cultura.gov.br/2009/04/14/cada-cidade-uma-biblioteca/>>. Acesso em: 13 dez. 2008.

_____. **Programa Mais Cultura.** Disponível em:

<<http://mais.cultura.gov.br/2009/04/14/cada-cidade-uma-biblioteca/>>. 2008b. Acesso em: 19 dez. 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Nacional Biblioteca da Escola.** Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/index.php/programas-biblioteca-da-escola>>. Acesso em: 13 dez. 2008.

BROUGÈRE, G. **O Interesse de estudar os Pokémons é para demonstrar que, às vezes, as crianças têm competências extraordinárias para aprender.** 2001. Disponível em: <http://www.aprendebrasil.com.br/entrevistas/ent_educ_texto.asp?Id=196276>. Acesso em : 25 jan. 2009.

CALIXTO, J. **A Biblioteca na Sociedade da Informação.** Lisboa: Caminho da Educação, 2006.

CAMPELLO, B. et al. Literatura sobre biblioteca escolar: características de citações de teses e dissertações brasileiras. **TransInformação**, Campinas, v.19, n.3, p.227-236, 2007.

CASEY, M. **Where do we begin?** a Library 2.0 conversation

with Michael Casey. Disponível em: <<http://www.michaelcasey.com/>>. Acesso em: 10 jan. 2009.

CASEY, M. ; SAVASTINUK, L. **Library 2.0: a guide to participatory library service**. New Jersey : Information Today, 2007.

_____. Library 2.0: service for the next-generation library. **Library Journal**, New York, v.13, n.14, p.40-42, 2006.

DAVIS, I. **Talis, web 2.0 and all that**. 2005. Disponível em: <<http://internetalchemy.org/2005/07/talis-web-20-and-all-that>> Acesso em: 30 out. 2008.

GÓMEZ HERNANDEZ, J. La Función educativa de bibliotecas y bibliotecarios em el contexto de las tecnologías participativas de la web social. **Punto de Acceso**, Salvador, v. 2, n. 1, p.51-71, jun./jul. 2008.

KANCZAK, A.; SZOLTYSIK, K. Is there a place for the librarian in the library of the 21st century? **World Library**, River Forest, Ill., v. 16, n.1/2, 2006. Disponível em: <http://www.worlib.org/vol16no1-2/kanczak_v16n1-2.shtml> Acesso em: 16 jan. 2009.

KUHLTHAU, C. **Como usar a biblioteca na escola: um programa de atividades para o ensino fundamental**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

_____. O Papel da biblioteca escolar no processo de aprendizagem. In: VIANNA, M.; CAMPELLO, B.; MOURA, V. **Biblioteca escolar: espaço de ação pedagógica**. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999. P. 9-14.

MANESS, J. M. Library 2.0 theory: web 2.0 and its implications for libraries. **Webology**. Iran, v. 3, n. 2, 2006. Disponível em:

<<http://www.webology.ir/2006/v3n2/a25.html>>. Acesso em: 13 dez. 2008.(tradução nossa)

MARGAIX ARNAL, D. Conceptos de web 2.0 y biblioteca 2.0: origen, definiciones y retos para las bibliotecas actuales. **El Profesional de la información**, Barcelona, v.16, n.2, p. 95-106, mar./abr. 2007.

MERLO VEJA, J. Las tecnologías de la participación em las bibliotecas. **Educación y Biblioteca**, Madrid, v.19, n.16, p.63-68, 2007.

MILLER, P. **Web 2.0: building the new library**. 2005. Disponível em: <<http://www.ariadne.ac.uk/issue45/miller/>> Acesso em: 04 nov. 2008.

MURLEY, D. What is all the fuss about library 2.0?. **Law Library Journal**, Chicago, Ill, v. 100, n. 1, 2007. Disponível em: <http://www.aallnet.org/products/pub_journal.asp>. Acesso em: 10 jan 2009.

O'REILLY, T. **Web 2.0: compact definition**. 2005. Disponível em: <http://radar.oreilly.com/archives/2005/10/web_20_compact_definition.html>. Acesso em: 10 fev. 2009.

PORTUGAL. Ministério da Educação. **Estudo de avaliação do Programa Rede de Bibliotecas Escolares**. 2009. Disponível em: <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/?newsId=591&fileName=estudo_de_avaliao_programa_rbe.pdf> Acesso em: 20 mar. 2009.

PRÍNCIPE, P. **Perfil dos blogues portugueses em Ciência da Informação**. 2007. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/pedroprincipe/perfil-de-blogues-portugueses-na-rea-das-ciencias-da-informao>>. Acesso em: 05 maio 2009.

RODRIGUEZ PALCHEVICH, D. **La Web 2.0 y la biblioteca escolar**: integrando los marcadores sociales a la gestión. In: RENION NACIONAL DE BIBLIOTECARIOS, 2008, Buenos Aires, 2008. Disponível em: <http://recursos.cepindalo.es/file.php/149/TIC/PARA_SABER_MAS_TIC/Marcado_social_BIBLIOTECA_ESCOLAR-1.pdf> Acesso em: 14 dez. 2008.

SERRA, C.; PRETTO, N. **Bibliotecas digitais e Internet**: em busca da produção coletiva de conhecimento. Disponível em: <<http://www2.ufba.br/~pretto/textos/bvs.htm>>. Acesso em: fev. 2009.

TAPSCOTT, D. O mundo da geração Net. **Digital**. v. 0, 1998. Disponível em:

<http://www.centroatl.pt/edigest/digital/edicoes/di0cap1.html>. Acesso em: 13 abr. 2009.

TEDESCO, J. **Educar na sociedade do conhecimento**. São Paulo: JM Editora, 2006.

VIEIRA, D. V.; DE CARVALHO, E. B.; LAZZARIN, F. A. **Uma Proposta de modelo baseado na Web 2.0 para as bibliotecas das Universidades Federais**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. Disponível em: <<http://www.bax.com.br/teaching/courses/bibliotecasdigitais/referencias/PROPOSTA.pdf>>. Acesso em: 17 jan.2009.

Cassia Cordeiro Furtado

Doutoranda em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais pela Universidade de Aveiro (UA) - Portugal.

Mestre em Ciência da Informação pela UnB - Brasil.

Professora do Departamento de Biblioteconomia da UFMA – Brasil.

Bolsista da Fundação de Amparo a Pesquisa e Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão - FAPEMA – Brasil.

E-mail: cfurtado@ua.pt